



Um exemplo de político e estadista

*- uma reflexão diante da atual conjuntura política do Brasil,
com inoportunos confrontos entre Executivo e Legislativo -*

Frei Lourenço Maria Papin, OP

Era frade estudante, em Bologna-Itália, quando falecia, no dia 19 de agosto de 1954, o político e estadista italiano, Alcides De Gasperi, uma das mais importantes figuras do cenário político da Itália e da Europa, após a Segunda Guerra Mundial.

De Gasperi nasceu aos 3 de março de 1881, na pequena cidade de Pieve Tesino, na região do Trentino-Alto Ádige – Itália, na época pertencente ao Império Austro-húngaro.

Foram seus pais: Amadeu De Gasperi e Maria Morandini. Viveu sua adolescência (1892-1895) num seminário de Trento. Percebeu, porém, que o sacerdócio não era sua vocação.

O jovem De Gasperi, motivado e empolgado pela encíclica social Rerum Novarum de Leão XIII (1891), sente-se questionado pela grave situação social de sua época, sobretudo em relação à classe operária.

Participa de Movimentos Sociais universitários católicos, estuda em Viena de 1900 a 1905, volta para a Itália e dirige o combativo jornal “La voce Cattolica” da Diocese de Trento. Nasce assim sua paixão política, ou melhor, sua missão de cristão político.

Um bilhete à sua noiva Francesca mostra o espírito de seu ideal matrimonial: “não sou antiquado nem religioso como deveria ser; no entanto, a personalidade de Cristo atrai-me, submete-me e levanta-me como a uma criança. Vem, eu te quero comigo e que me acompanhes na mesma atração, como rumo a um abismo de luz”.

Frutos de seu casamento foram suas filhas Maria Romana, Cecília, Paola e Luzia que se tornará religiosa e sua confidente espiritual.

Durante o regime fascista foi atuante e contestador deputado no parlamento italiano, entre 1911 e 1922.

Foi membro secretário da Democracia Cristã, partido que nasceu inspirado na Doutrina Social da Igreja, por iniciativa de Padre Sturzo.

Por ser opositor ferrenho do fascismo, foi condenado a quatro anos de prisão, em maio de 1917. Na prisão foi um homem orante, penitente, contemplativo e eucarístico. Podendo receber a Eucaristia, escreveu: “Quando recebo a comunhão, parece que Cristo não me responde, mas deixa sua pegada no meu espírito”.

O que ele escreveu na solidão da prisão, mostra a intensidade do seu sofrimento como neste texto: “Meu Deus, como é difícil encontrar a razão ontológica da dor! A verdade é que sou um grãozinho de areia lançado pela sua mão no turbilhão do mundo, uma minúscula pedra na construção do seu edifício... Deus tem um desígnio imperscrutável, diante do qual me inclino adorando. Deus não pode ser injusto nem cruel. Ele nos ama e faz de nós algo que hoje não compreendemos”. Na prisão, seus livros preferidos foram a Bíblia, a Imitação de Cristo e as Confissões de Santo Agostinho.



Libertado, ocupará um humilde cargo na Biblioteca Vaticano para sustentar sua família. E passará dez anos, orando e estudando durante o período da Segunda Guerra Mundial, que assolava a Europa.

A partir de junho de 1944, De Gasperi, com 64 anos de idade, perto de se aposentar, é chamado a viver a mais importante fase de sua vida.

O “grãozinho de areia e a minúscula pedra” serão instrumentos de Deus para reconstruir a Itália, destruída materialmente e desacreditada politicamente. Vai lutar para assegurar a liberdade de milhões da concidadãos estigmatizados pela ditadura fascista e pela guerra perdida. Ocupará vários cargos no governo da Itália: será ministro sem pasta, ministro do Exterior (1945) e presidente do Conselho de Ministros (1945 -1953), durante oito governos no sistema parlamentarista italiano.

Uma Itália desprezada passa a ser respeitada após um seu vigoroso pronunciamento, no dia 10 de agosto de 1946, num encontro de chefes de Estado, em Paris. A Itália retoma gradualmente seu crescimento econômico, sobretudo com a cooperação de países amigos que dão crédito à palavra de De Gasperi.

Todavia, sua preocupação maior é a de construir um país renovado. Escrevera à sua filha Maria Romana que “o sistema democrático tem necessidade de homens de fé e de integridade moral”. Em Bruxelas-Bélgica, em 1948, assim se pronunciou: “se para o filósofo Bergson, a razão de ser da democracia é a fraternidade, é preciso admitir com ele que a democracia é, por essência, evangélica... O fermento evangélico fecundará a democracia e renovará a civilização”. Para De Gasperi, fraternidade e a consciência moral são condição indispensável para a solução dos conflitos e para a eficácia dos pactos internacionais. Assinou o tratado do Atlântico Norte (OTAN-NORTE). Iniciou um plano de reforma agrária para várias regiões da Itália.

Sendo católico praticante, soube ser “autônomo e responsável nas suas escolhas políticas, sem se servir da Igreja para finalidades políticas e sem jamais comprometer sua reta consciência”.

Juntamente com seus contemporâneos, Conrado Adenauer e Roberto Schuman, respectivamente primeiros ministros da Alemanha e da França, começou o processo político-econômico, que deu origem à atual União Europeia.

Segue adiantado o processo de sua beatificação. Nutro a certeza de que Papa Francisco, tão sensível às questões sociais, não tardará a canonizá-lo como santo.

Enfim, De Gasperi é uma figura de político e estadista que se apresenta como exemplo questionador e estímulo para todo político, no Executivo ou no Legislativo, que esteja realmente preocupado com o bem comum de seu povo.